Revista Eletrônica CoMtempo

O DEMÔNIO NA TELA: O DISCURSO ESCATOLÓGICO E O TRIUNFO DO MAL COMO ESTRATÉGIA DE PERSUASÃO

Luciano Martins Costa[1]

Resumo

O diabo está solto na mídia: ele é o personagem dominante nos cultos de igrejas neopentecostais, diariamente exorcizado nos espetáculos em que rotineiramente sai perdedor, mas também é o herói de história em quadrinhos, filmes de ação e jogo eletrônico. Uma análise do discurso comum a essas manifestações religiosas e culturais permite compará-las a rituais de sociedades arcaicas e demonstrar que o capeta é mais presente, tangível e efetivo que o próprio Messias ou o Deus dos cristãos nessas versões dramatizadas da luta entre o Bem e o Mal.

Palavras-chave: Comunicação. Mídia. Religião. Demônio. Poder Simbólico. Manipulação.

Introdução

A figura mitológica do diabo constitui a persona mais presente nos programas de televisão controlados por organizações religiosas autoproclamadas evangélicas, também chamadas neopentecostais. A observação de uma dezena de cultos apresentados na TV e acessados a partir de uma seleção feita aleatoriamente no site de vídeos www.youtube.com, sob as terminologias "diabo" e "evangélico", e pelos nomes de três dos principais oficiantes de cultos das denominações predominantes no cenário da mídia religiosa brasileira, indica a ocorrência de um discurso homogêneo no qual a figura do demônio aparece como portadora de poderes extraordinários, capazes de destruir a saúde, a harmonia familiar, as economias e a própria vida dos indivíduos, além de alterar a opção sexual de suas vítimas.

A observação de sessões públicas de culto religioso, realizadas em São Paulo e no Rio de Janeiro pelas organizações denominadas Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Igreja Mundial do Poder de Deus e Igreja Assembleia de Deus, além de reportagens transmitidas pela Rede Record de Televisão, controlada pela IURD, e programas religiosos em canais diversos de TV num período de três anos completados em agosto de 2013, aponta um índice de referências ao diabo superior em até dez vezes ao número de citações dos nomes de Deus e Jesus Cristo, para cada evento observado.

[1] Mestrando em Comunicação Social pela Faculdade Casper Libero. E-mail: lucmart@gmail.com.

Uma análise do discurso típico de tais eventos, oficialmente apresentados como sessões de culto e louvor ao Messias do cristianismo e à figura do Deus dos cristãos indica que, na verdade, o culto se faz ao anticristo, apresentado sempre como todo-poderoso, contra o qual o indivíduo não pode se defender por si mesmo.

Procuramos, nessa pesquisa, utilizar a metodologia da livre observação, postulada por Paul Karl Feyerabend, com elementos dos modelos lineares, modelos circulares e modelos interativos, e submetendo essa observação ao olhar proposto pela Teoria Crítica, considerando que o objeto sob análise não se circunscreve ao campo da religião, mas se apresenta como fenômeno cultural e, como tal, sujeito da indústria cultural, na qual o indivíduo é parte de um espólio a ser disputado pelo capital. Conforme observa Adorno:

> Na medida em que nesse processo a indústria cultural inegavelmente especula sobre o estado de consciência e inconsciência de milhões de pessoas às quais ela se dirige, as massas não são, então, o fator primeiro, mas um elemento secundário, um elemento de cálculo; acessório da maquinaria (Adorno, 1971, p. 288)

Tal complexidade é aconselhada pela natureza do objeto de estudo: estamos tratando de rituais típicos de culturas arcaicas, consolidados historicamente nos meios que caracterizam a cultura de massa, que se expandem nas redes sociais digitais. Nesse sentido, procuramos observar aspectos negociais presentes nessa relação entre o indivíduo e a comunidade religiosa, com atenção especial para a monetização do bem-estar que, ameaçado pela ação do demônio, precisa ser repactuado constantemente com a mediação do sacerdote. Esses aspectos negociais apresentam como resultado último o pagamento do dízimo, mas não se esgotam nessa forma de remuneração - ao contrário, incluem praticamente todas as relações entre os fieis e a instituição religiosa.

O demônio personifica o núcleo principal e aglutinador da comunidade, dado o poder simbólico que exerce sobre os fieis, em contraposição ao qual se oferece o poder atribuído aos oficiantes do culto. Nesse contexto, é preciso que se configure uma adesão sem fraturas a uma doutrina cujos fundamentos e interpretação se concentram na persona do sacerdote, cuja ascendência, assumida como pressuposto para essa relação, transforma esse poder simbólico em poder real, encenado periodicamente nos cultos e levado pelos fieis ao mundo externo, durante suas ações de evangelização e captação de novos adeptos.

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

A partir da teoria inaugural da chamada cibercultura, berço da comunicação digital, aquela exposta na obra de Norbert Wiener, faz-se conveniente considerar que, ao chamar a atenção para as possibilidades do controle em homens e máquinas e vislumbrar a perspectiva de uma sociedade com recursos para lutar contra a ameaça da entropia, Wiener, proponente do conceito de redes e sistemas interconectados por computadores, coloca toda veemência na ilusão de controle – desde o título escolhido para seu estudo ("Kibernetes", referência ao discurso de Platão sobre o governo de barcos e homens). Essa ilusão de controle se manifesta de maneira subjacente no objeto do presente artigo, o evento cultural-religioso cujo sucesso depende da manutenção da audiência coesa sob o medo da figura mitológica do demônio.

O medo é a cola que mantem a ascendência do sacerdote sobre a comunidade religiosa, que depende fundamentalmente da figura do diabo, de modo que, contraditoriamente, quanto mais poderoso se manifesta o representante do Mal, mais incondicional se torna a entrega dos crentes às exigências impostas pelo sacerdote. Assim, numa interessante simbiose, o Mal e o Bem se alimentam mutuamente, num comércio de poderes no qual o lucro da igreja se consolida e se expande conforme crescem as artes e manhas do capeta. A existência subjetiva do demônio é concretizada pela ação e invocação do sacerdote, e se torna concreta no ato do culto e, mais objetivamente, na monetização dessa troca.

Esse movimento intermitente entre subjetividades e concretudes pode ser observado no âmbito comunicacional de várias maneiras, tanto na análise das narrativas que procuram explicitar o potencial destruidor do demônio, suas artimanhas e persistência, como no estudo das relações do poder que se estabelece sobre o fiel, e que é exercido de maneiras intercaladas, ora pelo Mal, ora pelo representante do Bem. No contexto de absoluta adesão que se desenvolve entre os protagonistas dessa relação dialógica, a condição necessária para a manutenção do poder simbólico do sacerdote sobre a comunidade é dada pelo diabo. Torna-se imprescindível, então, definir um território específico no campo da razão, de onde pode o observador analisar esse fenômeno que, sendo manifestação cultural, religiosa e econômica, precisa ser compreendido no contexto comunicacional.

No que se refere às teorias da comunicação, difícil resistir aqui à visão do poeta segundo a qual "navegar é preciso" (necessário), "viver não é preciso" (impreciso,

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

ilusão de controle), no sentido em que o exercício da análise intelectual de um fato da comunicação representa ao mesmo tempo a aventura da navegação e a necessidade de alguma precisão conceitual. As críticas ao modelo de Claude Shannon, ou ao de Lasswell, derivados da teoria de Wiener, segundo os quais *alguns processos de comunicação* podem ser definidos em sua origem, se referem quase sempre à sua linearidade, que seria rompida e distorcida pelos ruídos antes de alcançar seu efeito no receptor. Ora, tratando-se de um contexto em que o receptor (fiel) está extremamente condicionado pelo emissor (oficiante) e por seu campo social, em atitude de confronto com influências externas e imerso num ambiente de adesão sem reservas, mesmo o modelo linear de observação do fenômeno comunicacional tem validade. Conforme constata Santaella:

> De uma perspectiva ideológica, esse é um modelo que sugere um potencial de quase total manipulação do destinatário. O único fator que parece ameaçar este processo é o elemento de ruído. Evidentemente, a comunicação é um processo mais complexo que o de uma causalidade linear. Desta forma, a linearidade torna-se necessariamente circularidade (Santaella, 2001, p. 52)

Considerando-se que, para funcionar nos processos descritos neste trabalho, a comunicação deve acontecer em ambiente não contaminado por ruídos, vale observar essa linearidade, que, no entanto, realmente torna-se circularidades porque estamos tratando de protagonistas que, ao deixar o ambiente específico do culto, retornam à complexidade social, onde são desafiados a comprovar suas convicções, retornando periodicamente para novas imersões na mesma narrativa e no mesmo discurso que analisamos. Neste caso, porém, a ação dos *feedback* se torna menos efetiva, porque as interlocuções dos protagonistas se dão quase exclusivamente em seu próprio ambiente cultural, no campo religioso. Ainda assim, torna-se útil lembrar a contribuição de Umberto Eco quanto aos modelos interativos, uma vez que o teste das crenças é feito na heterogeneidade do "estar no mundo".

Finalmente, não se pode trazer esse contexto para o ambiente aberto da análise sem a ajuda de uma teoria que exponha criticamente sua natureza contracultural e resistente à complexidade cultural externa ao seu campo próprio, motivo pelo qual seremos obrigados a invocar a ajuda de Edgard Morin e Max Horkheimer. De Morin podemos destacar as características que definem o olhar externo, o do observador, sobre a cena observada, uma vez que o objeto deste estudo se insere na cultura de massas, a

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

cujo *mainstream* resiste mas ao qual pretende influenciar com seus parâmetros específicos, segundo lembra Santaella:

> Embora seja a cultura realmente nova do século XX, para Morin, a cultura de massa não é autônoma, mas pode embeber-se de outras culturas – nacional, religiosa ou humanística – nelas se interpenetrando e, quase sempre, corrompendo-as. Embora tenha uma natureza que lhe é própria, constituindo-se como um conjunto de símbolos, valores, mitos e imagens, a cultura de massas se insere na complexa realidade policultural das sociedades contemporâneas (Santaella, 2001, p. 66)

O desafio inicial é, portanto, apontar a aplicabilidade dos modelos citados nessa análise. No caso objeto do presente estudo (a manifestação específica de uma cultura que, embora restrita e homogênea, se pretende de massa), temos a ambição de evidenciar que os processos comunicacionais que a caracterizam carregam toda essa complexidade. Os cultos a que nos referimos têm o caráter contracultural em sua oposição ao *modus* do mundo, que os oficiantes (autoqualificados como bispos, pastores, profetas, apóstolos e assemelhados) pretendem subverter, convertendo ao seu próprio modo de estar no mundo, definido por uma interpretação específica do texto bíblico. A linearidade está presente, portando, desde a construção do discurso com o qual o grupo vai agir no ambiente social e cultural.

Capítulo I: o circo místico

Pode-se afirmar que os elementos de uma cultura arcaica emergem do próprio texto que inspira e justifica a ação dos grupos objetos do presente artigo, propondo um confronto com a racionalidade esperada de uma visão de mundo moderna. Mas, além dessa obviedade, a observação das imagens produzidas durante os eventos aqui referidos permite identificar muitas semelhanças com rituais de cultos afro-brasileiros, especialmente da Umbanda, uma das duas correntes da religiosidade africana que sobrevivem adaptadas ao ambiente urbano do país. Observando-se os cultos aqui referidos, pode-se notar que são estruturados em modelos muito homogêneos, que cumprem a seguinte ritualística:

> 1. Breve leitura e interpretação de textos bíblicos, entremeados de cânticos.
> 2. Discurso exaltando as qualificações do sacerdote ou pregador e sua suposta intimidade com o poder divino.

FACULDADE CÁSPER LÍBERO Av. Paulista, 900 – 5º andar CEP 01310-940 – São Paulo - SP Fax: (011) 3170-5891 Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883 http://www.facasper.com.br E-mail: faculdade@fcl.com.br

> 3. Invocação, ou provocação, do mal, por convite a participante da plateia ou indicação de um dos auxiliares do oficiante principal, que seleciona a "vítima do demônio" e faz uma breve descrição do mal que acomete essa pessoa.
> 4. "Entrevista" com a suposta entidade demoníaca responsável pelos males, cujas razões e pretensões são verbalizadas pela própria "vítima", com a voz alterada, geralmente enrouquecida.
> 5. Exorcização do suposto espírito maligno, que inclui assopros sobre a cabeça da vítima, ruídos com a boca, gestos dramáticos com as mãos, e eventualmente contato físico agressivo, e é geralmente encerrado com o desfalecimento da vítima e sua imediata recuperação.
> 6. Cânticos, louvores, aplausos e conclusão, com chamadas publicitárias para produtos e substâncias com "poderes" para manter o demônio afastado dos fieis, que estão à venda no templo, e anúncios de futuras apresentações.

Assim invocado na função de entidade a ser exibida como num circo místico, o demônio é apresentado no papel de personagem importante da trama religiosa, como os lutadores dos antigos programas de *telecatch* destinados ao papel de vilões, que agridem o predileto do público durante a primeira parte do combate simulado, usando de artimanhas e truques desleais, para no final sair derrotado. Mas o demônio nunca é vencido definitivamente, e no próximo evento estará sendo apresentado em novo episódio de invasão de corpos e vontades, pairando sobre o imaginário dos fiéis como uma ameaça onipresente e permanente. O demônio exerce, portanto, sobre a coletividade dos crentes, um poder simbólico nos termos definidos por Pierre Bourdieu como:

> Esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (Bourdieu, 1989, pp.7 e 8)

Esse poder simbólico do demônio é exercido em seu nome pelos oficiantes dos cultos, aqui representados pelos líderes religiosos Edir Macedo, da Igreja Universal, Valdomiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus, e Silas Malafaia, da Igreja Assembleia de Deus. Embora oficialmente suas performances se realizem em nome do poder divino, é o temor do mal, representado pelo diabo, que atrai os fieis e os mantem conectados pelo vínculo da crença e do medo que lhes são comuns. Além desse protagonismo central, observe-se que o demônio se *corporifica* seguidamente a cada sessão, tornando-se, portanto, concreto em sua ação e na manifestação *real* de seus

FACULDADE CÁSPER LÍBERO Av. Paulista, 900 – 5º andar CEP 01310-940 – São Paulo - SP Fax: (011) 3170-5891 Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883 http://www.facasper.com.br E-mail: faculdade@fcl.com.br

poderes, enquanto Deus e o Messias dos cristãos têm presença apenas subjetiva, representados simbolicamente nas palavras dos pregadores.

Para funcionar com a eficácia capaz de manter o grupo coeso e impermeável a distrações de consciência, a narrativa, o discurso, o ritual e a cenografia precisam compor um conjunto fechado, quase um programa, no sentido em que é definido por Vilém Flusser. O contexto ideológico pode ser identificado por meio do modelo de Lasswell, justamente no que concerne ao aspecto de completa submissão dos participantes ao conjunto de valores e crenças proposto nos referidos eventos: trata-se de modelo linear de transmissão de comunicação no qual os receptores aceitam passivamente a autoridade do emissor, seguindo-a para além dos limites da racionalidade.

O medo do demônio é o elemento pervasivo a garantir a eficácia do discurso e da narrativa, ainda que a mensagem extrapole aquilo que é racionalmente aceitável. Interessante lembrar que um dos protagonistas dessas cerimônias de exorcismo, o pastor Silas Malafaia, demonstra especial ojeriza à psicanálise e aos psicanalistas, bem como a cientistas de modo geral, contra os quais tem dedicado muitas de suas prédicas. Por conta dessa especial desafeição, ele protagonizou uma série de conferências em que tenta defender a versão criacionista da origem do homem contra as evidências científicas do evolucionismo. Além disso, tem sido protagonista destacado durante disputas eleitorais, atuando no campo político-partidário como opositor de políticas públicas que preconizam a descriminalização do aborto e normas legais contra o preconceito e a discriminação por orientação sexual. Sob qualquer ângulo de análise, seu discurso se destaca pelo obscurantismo e representa uma forma arcaica de contracultura que se opõe a aspectos liberais da sociedade contemporânea.

Sendo a cultura um produto da comunicação, convém determo-nos numa reflexão sobre esse ponto. O objeto do presente artigo pode ser contextualizado no sentido das representações visuais, da oralidade, da gestualidade e dos espaços simbólicos, muito além do campo meramente religioso, presentes nos rituais protagonizados pelos oficiantes desses cultos – e é o que tencionamos fazer. No entanto, a amplitude dessa relação com o objeto do presente artigo obriga a circunscrever a análise a um conjunto de elementos suficientes para estabelecer a correlação entre tais

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

manifestações contemporâneas e algumas práticas que caracterizam comunidades arcaicas não alcançadas pela modernidade.

Capítulo II: arcaísmo contemporâneo

Para postular uma análise que contenha como objeto a figura mítica do demônio na contemporaneidade, é preciso, como se disse, convencionar um lugar específico no território da razão. Uma das alternativas é situar esse poder atribuído ao demônio em comparação com práticas semelhantes de cura ou libertação em outras culturas e circunstâncias diversas, e para isso buscaremos exemplos em dois pontos distantes do caso aqui observado, mas que, ainda que separados por tempos civilizatórios diversos, guardam entre si muitas similaridades. Um desses exemplos vem da representação de cultura arcaica, na figura dos espíritos "exorcizados" em rituais indígenas, e outro vem do contexto contemporâneo de entretenimento, no personagem de histórias em quadrinhos e do cinema conhecido como *Hellboy*.

Tomemos, por exemplo, o caso citado por Claude Lévi-Strauss no artigo intitulado "A eficácia simbólica", publicado originalmente em 1949 e dedicado a Raymond de Saussurre. Trata-se da descrição de um processo de cura entre os índios Cuna, da América Central, em que o xamã – que nesse contexto cumpre papel semelhante ao dos três líderes religiosos aqui citados – conduz o ritual de "cura" de uma indígena que perdeu sua alma para os espíritos malignos, e por isso ficou doente. Como nos rituais das citadas organizações religiosas que se podem observar nos nossos dias através de vídeos arquivados no *Youtube.com*, também o xamã dos Cuna pode simular um combate com o mal, proferir encantamentos, ruídos e cânticos e estabelecer uma conversação com os espíritos. Lévi-Strauss atribui o efeito de tais sortilégios a uma "manipulação psicológica do órgão doente" (1972, p. 221). Descrevendo o caso de tratamento da indígena que sofria de dores abdominais, o antropólogo pondera:

> A cura consistiria, pois, em tornar pensável uma situação dada inicialmente em termos afetivos, e aceitáveis para o espírito as dores que o corpo se recusa a tolerar. Que a mitologia do xamã não corresponda a uma realidade objetiva, não tem importância: a doente acredita nela, e ela é membro de uma sociedade que acredita. Os espíritos protetores e os espíritos malfazejos, os monstros sobrenaturais e os animais mágicos fazem parte de um sistema coerente que fundamenta a concepção indígena do universo (Lévi-Strauss, 1972, p. 228)

FACULDADE CÁSPER LÍBERO Av. Paulista, 900 – 5º andar CEP 01310-940 – São Paulo - SP Fax: (011) 3170-5891 Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883 http://www.facasper.com.br E-mail: faculdade@fcl.com.br

Da mesma forma, transpondo-se tal interpretação para o universo aqui estudado, o das organizações religiosas ditas evangélicas ou neopentecostais, pode-se observar que a mitologia ou o conjunto de símbolos que porta o oficiante das sessões de cura ou libertação também não corresponde a uma realidade objetiva, mas a vítima do demônio acredita neles, assim como toda a comunidade de crentes reunida no tempo. A afirmação, pela autoridade religiosa, de que a causa de suas angústias, de sua dor física, de suas inquietações emocionais ou de suas dificuldades financeiras, está fora dela, na ação maligna de alguém que invocou o demônio para prejudicá-la, funciona como justificativa coerente com sua concepção de mundo. Diz ainda Lévi-Strauss:

> O xamã fornece à sua doente uma linguagem, na qual se podem exprimir imediatamente estados não formulados, de outro modo informuláveis (ou seja, informuláveis fora desse contexto cultural específico, N. do A.). E é a passagem a esta expressão verbal (que permite, ao mesmo tempo, viver sob uma forma ordenada e inteligível uma experiência real, mas, sem isto, anárquica e inefável) que provoca o desbloqueio do processo fisiológico, isto é, a reorganização, num sentido favorável, da sequência cujo desenvolvimento a doente sofreu (Lévi-Strauss, 1972, p. 228)

Nesse sentido, pondera ainda o antropólogo francês, a cura xamanística se situa a meio caminho entre nossa medicina orgânica e terapias psicológicas como a psicanálise. Com o devido cuidado para evitar interpretações deletérias com relação à psicanálise, ele observa que, tanto no xamanismo como na psicanálise, o propósito é conduzir à consciência conflitos e resistências até então conservados inconscientes, produzindo-se como resultado uma experiência de ordenação psíquica com a realidade angustiante. O oficiante dos cultos e o xamã são, cada qual em seu contexto cultural, os heróis dessa passagem, pois eles têm o poder de enfrentar o mal, chamando-o por seu nome próprio, libertando a alma cativa. A eficácia simbólica a que se refere Lévi-Strauss consiste numa propriedade indutora, sobre a realidade percebida, dos símbolos presentes na vítima do demônio, no contexto em que se revela o substrato fisiológico das neuroses.

Também no caso dos sacerdotes da televisão, constatamos que o primeiro passo consiste sempre no reconhecimento de que todos os males dos quais se queixam os fieis

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

são produzidos pelo diabo, que se aproveita da fragilidade de suas vitimas – eventualmente apontadas como corresponsáveis, por haverem abandonado ou fragilizado sua fé, ou que tenham se omitido ou reduzido suas obrigações financeiras para com a organização religiosa. Nesse aspecto, passaremos ao largo dos aspectos negociais de tais organizações, detalhadamente analisadas como instituições sociais por Luís Mauro Sá Martino, que descreve a complexa dialética entre mídia, religião e negócio:

> Cada religião, seita, culto, prática, doutrina ou qualquer outra espécie de prática simbólica depende exclusivamente de um contrato de confiança celebrado entre a instituição e a pessoa disposta a pertencer ao grupo. Essa relação seria simples caso a oferta de bens simbólicos não atingisse os níveis de uma verdadeira economia de mercado, na qual conquistar o fiel é imprescindível para a sobrevivência física da instituição (Martino, 2003, p. 136)

Precisamos, no entanto, nos deter no aspecto dessa disputa *de mercado*, motivação central para a prática do elogio ao diabo e do temor à perdição da alma que são objeto do presente artigo. Essa competição mercadológica afeta a estrutura das grandes religiões com pretensões universais, conforme observa Elias Canetti. Convém lembrar, aqui, as preferências de organizações neopentecostais por denominações que definem seu caráter planetário: "Igreja Universal", "Igreja Mundial", e por aí vai, o que denuncia seus objetivos de expansão. Quase todas elas, de fato, nascidas no Brasil, possuem representações em várias partes do mundo, e todas elas fazem reproduzir seus cultos pelas mídias digitais em vários idiomas. Essas instituições contemporâneas crescem no território das religiões tradicionais, que temem as apostasias e têm sido por elas afetadas, sendo que esse combate pela manutenção ou a conquista dos fiéis se dá no campo místico, mas não pode dispensar o aspecto financeiro. A cada novo santo consagrado pela Igreja Católica, por exemplo, corresponde um arsenal de velas, objetos, cartões, imagens e outros materiais simbólicos que são colocados à venda.

Para todas elas é essencial condicionar o fiel à ritualística, que consolida o sentido de pertencimento, de comunidade, e ao mesmo tempo reforça os valores simbólicos de cada gesto, de cada prática, de cada objeto sagrado. Mas as religiões não querem que essas comunidades se comportem como massa, no sentido de uma anomalia ou patologia social e cultural, como definido por Elias Canetti, porque as massas, quanto mais se expandem, mais vulneráveis se tornam às dissidências e às apostasias.

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

Assim também quanto às instituições neopentecostais, quando se expandem ao nível dos milhões, como é o caso das que estudamos neste artigo, repete-se o que observa Canetti:

> O que elas desejam em substituição às massas é um obediente rebanho. É bastante habitual encarar os fieis como se fossem cordeiros, elogiando sua obediência. (Canetti, 1983, p. 23)

No entanto, o mesmo autor permite comparar diferenças de estilo entre as denominações neopentecostais e a Igreja Católica e, por extensão, as igrejas evangélicas tradicionais, como as igrejas Luterana e Presbiteriana:

> É preciso pensar, antes de mais nada, no próprio culto (culto católico, N. do A.), que atua da maneira mais imediata sobre os fieis reunidos. Ele é de uma lentidão e de uma parcimônia sem paralelo. Os movimentos dos sacerdotes em seus ornatos pesados e rígidos, a medida dos seus passos, o tom de suas frases, tudo lembra um pouco a lamentação fúnebre infinitamente diluída, repetida por séculos com tal regularidade que, do que existe de repentino na morte, da intensidade da dor, praticamente nada restou: o processo temporal da morte é mumificado (Canetti, 1983, p. 171)

Nos rituais de "cura" e exorcismos praticados pelas organizações que estudamos, ao contrário, o movimento é dirigido no sentido inverso ao da contrição dos católicos. Trata-se de encenar, reproduzir e corporificar, com o maior *realismo* possível, o combate entre o Bem e o Mal, entre o crente e o demônio. Quem incorpora o guerreiro é o oficiante, e os fieis cumprem o papel da plateia participativa e avalista do ato de libertação. Para tal objetivo não se economizam gestos, gritos, invocações e imprecações. O combate é atemporal, já que o inimigo, apesar de poderoso, onipresente e capaz de penetrar o mais profundo da intimidade e dos pensamentos dos presentes ao culto, não é invencível, pois já foi derrotado uma vez por Jesus de Nazaré, o redentor dos cristãos. Ainda aqui, revela-se conveniente sobrevalorizar os poderes do demônio, que já combatia o filho de Deus há dois mil anos e segue à caça de almas entre os mortais do século XXI. Mas a longevidade desse combate tem um horizonte: o fim dos tempos, o apocalipse, quando o redentor voltará para resgatar aqueles que resistiram ao assédio do capeta.

Capítulo III: o capeta nas telas

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

No âmbito da cultura apocalíptica, a simbologia escatológica presente nos cultos remete a signos associados a rituais satânicos, como o círculo de fogo, o pentagrama com duas pontas para cima, a capa preta com que são cobertos, eventualmente, os indivíduos levados ao púlpito para serem exorcizados. Há, então, um paradoxo a ser explorado na proposição de uma temporalidade que define o que virá a ser a eternidade: se em seu tempo o indivíduo aceitar a proposta de verdade que lhe oferece o oficiante, e crer nela, ele precisará continuar pagando o dízimo e adquirindo os objetos consagrados, participando periodicamente dos rituais de "limpeza" para manter afastado o demônio, que ameaça sua aceitação no reino eterno pós-apocalipse. Para facilitar esse vínculo econômico, o pastor Malafaia, por exemplo, contabiliza 60% das contribuições recebidas por meio de cartão de crédito ou de débito, anunciando o produto financeiro num blog criado especialmente para essa finalidade (http://cartaoassembleiadedeus.blogspot.com.br).

Trata-se de um conjunto de símbolos representativos dos temores transcendentais do ser humano, que no entanto, imersos no contexto dos simulacros que caracterizam a cultura de massas, podem se manipulados conforme o interesse do espetáculo, uma vez que tais manifestações culturais se situam tanto no campo da religião como no do entretenimento. Tais cultos, de fato, trazem semelhanças com típicos programas de auditório transmitidos pela televisão.

É conveniente observar não apenas a palavra, mas analisar o gesto, para notar as semelhanças entre um programa típico de entretenimento e os cultos religiosos da TV. Embora não se possa, aqui, fazer uma decomposição dos signos presentes nos referidos rituais, convém considerar, como lembra Vilém Flusser, a importância dos gestos, como formas de expressão de uma intenção:

> *Os gestos são movimentos do corpo que expressam uma intenção* (Flusser, 1994, p. 8).

E, mais adiante:

> Toda análise do gesto deve ser uma análise semiológica, se se deseja encontrar o que se vê de fato, quando se contempla o gesto. Seu método há de ser de uma decifração, uma decomposição do gesto em seus elementos significativos (Flusser, 1994, p. 89)

FACULDADE CÁSPER LÍBERO Av. Paulista, 900 – 5º andar CEP 01310-940 – São Paulo - SP Fax: (011) 3170-5891 Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883 http://www.facasper.com.br E-mail: faculdade@fcl.com.br

Uma das características comuns ao gestual dos líderes das organizações aqui observadas é o estilo dramático que acompanha cada etapa do discurso e das ações, segundo o modelo ritualístico descrito anteriormente: a homologação de sua autoridade religiosa pela leitura da Bíblia, sua auto-exaltação como representante do Bem, a provocação e incitação do demônio, o embate físico no exorcismo e a celebração. Em todo o culto se produz um estado de exaltação que não questiona seus próprios valores éticos, não se submete a uma confrontação com a racionalidade, mas produz um efeito de radiação como o descrito por Jean Baudrillard quando se refere a determinadas pinturas – sob uma luz irreal, "que impõe a iminência de um acontecimento estranho":

> Essa fenomenologia selvagem é, então, um pouco como uma teologia negativa, "apofática", como designava-se o fato de se aproximar do conhecimento de Deus pelo que não é, mais do que pelo que é (Baudrillard, 2002, p. 145)

Nesse espetáculo midiático, o Bem e o Mal combatem de igual para igual, sendo que o demônio ganha expressão "física" ao encarnar em suas vítimas. Manifesta-se, aqui, o princípio dualista a que se refere Baudrillard ao ponderar que

> o Bem e o Mal não se opõem, sua essência é assimétrica. Não procedem do mesmo movimento e não são da mesma natureza. Há entre eles um certo equilíbrio antagônico" (Baudrillard, 2002, p. 96)

No final, porém, o Mal sempre perde, mas, como nas séries televisivas, renasce no episódio seguinte, imortal e persistente em sua saga. Mas há aqui, como lembra Baudrillard citando Carl-Gustav Jung, um problema ético, "uma inundação de Bem amoral", quando o indivíduo está condenado a sucumbir ao Bem como condição para seguir fazendo parte da comunidade: Um bem ao qual sucumbimos perde toda característica ética. E o que é o Bem sem caráter ético, senão um aspecto da legislação do Mal? (Baudrillard, 2002, p. 97)

O discurso e o gestual não se submetem ao imperativo da ética porque seu objetivo não é estimular o pensamento crítico, mas condicionar a plateia a um raciocínio pré-determinado. Pode-se entender esse raciocínio no contexto proposto por Charles Sanders Peirce como abdução, condução e indução. Na interpretação de Lucia Santaella, uma teoria que permite diferenciar cognição de pensamento:

> Excluindo-se, assim, o psicológico, as estruturas do raciocínio ficam reduzidas, portanto, a inferências abstraídas das esperanças, medos, alegrias, dores e angústias que se enroscam em nossos pensamentos (Santaella, 2001, p. 116)

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

Nesse terreno atuam as celebrações performáticas nas quais o Bem e o Mal se enfrentam. No entanto, a análise linear das ocorrências em que o diabo domina suas vítimas autoriza a ponderar que o demônio é mais poderoso que seu oponente, no roteiro comum aos eventos observados. Essa percepção se torna ainda mais concreta se considerarmos a comunicação nos cultos como circularidades. Como os personagens demoníacos da ficção criada por Michael Mignola, que atravessam os portais transdimensionais, o capeta das organizações neopentescotais tem poder para deixar o mundo das subjetividades e se incorporar em seres humanos de carne e osso, obrigando-os a praticar o Mal. O Deus dos cristãos e o próprio Messias não demonstram esse poder: permanecem no mundo das possibilidades, e somente se manifestam pela voz e pelos gestos do sacerdote. A realidade percebida pelos fieis atribui, portanto, ao demônio, um poder mais efetivo que o da divindade da qual se declaram adeptos.

Em algumas dessas ocorrências pesquisadas para este artigo, o bispo Edir Macedo, criador da Igreja Universal do Reino de Deus "exorciza" o demônio que transformara um jovem em homossexual, num ritual de quinze minutos; o pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus, relata um combate com o demônio e condena cientistas, em pregação de criacionismo versus evolucionismo. O apóstolo Valdomiro Santiago exorciza o demônio com "toalha benta", um dos produtos que podem ser adquiridos pelos fieis de sua organização. Na concorrência entre as organizações, Edir Macedo "entrevista" o demônio, que diz ser o controlador de Valdomiro Santiago e usa a Rede Record de Televisão contra Santiago, seu concorrente da Igreja Mundial do Poder de Deus.

Trata-se, como se pode observar, de um combate em que os representantes do Bem não enfrentam apenas o Mal, mas também seus concorrentes, numa disputa por mercado, no ramo do entretenimento em que a atração principal é o próprio demônio, em carne e osso. Eles são também exemplos de um aspecto da contemporaneidade descrito por Vilém Flusser, na qual temos dificuldade em distinguir, *no rio enorme dos fenômenos*, a influência diabólica da divina. Não seria sem razão, portanto, que o pastor Malafaia tanto se revolta contra o conhecimento científico, visto, segundo Flusser, como obra do diabo: Ciência, arte e filosofia são os exemplos mais nobres dessa obra (Flusser, 2005, p. 22).

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

Segundo Flusser, o diabo é o autor da temporalidade, aquele que se rebela contra o conceito de infinito oferecido por Deus. É parte da obra divina que se volta contra seu criador, interpretação também presente no ideário das organizações religiosas aqui referidas. Seu campo de atuação é o ambiente humano, o território temporal do homem. Em seu próprio lugar, ele não pode representar o Mal. Portanto, pode-se afirmar que, assim como na fábula do *Hellboy*, os demônios só se tornam malignos quando ultrapassam os portais proibidos entre as dimensões do universo. Nos templos neopentecostais, quem traz o demônio para o ambiente humano são os oficiantes do culto, e não o fazem por outra razão que não seja a soberba – no dizer de Flusser, *soberba é consciência de si mesmo* (Flusser, 2005, p. 25). Conscientes de seu papel, o bispo, o pastor e o apóstolo cumprem diariamente sua missão demoníaca, mantendo o capeta vivo e poderoso no universo temporal dos crentes.

Referências

ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.) **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo, Edusp, 1971. Pp. 287-295.

BAUDRILLARD, Jean. **A troca impossível**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1989.

CANETTI, Elias. **Massa e poder**. UnB/Melhoramentos. Brasília, 1983.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1977.

FLUSSER, Vilém. **Los gestos**. (Tradução do autor). Herder, Barcelona, 1994.

FLUSSER, Vilém. **A história do diabo**. Anablume, São Paulo, 2005.

HORKHEIMER, Max. **Teoria crítica**. (Tradução do Autor). Amorrortu, Buenos Aires, 2003.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. Paulus, São Paulo, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa**. Hacker, São Paulo, 2001.

Vídeos:

MACEDO, Edir. (www.youtube.com/watch?v=0NNArJ_eQgw). (www.youtube.com/watch?v=fRKs Av51gd8&feature=endscreen) e (www.youtube.com/watch?v=zKngkNFXtF8).

MALAFAIA, Silas. (www.youtube.com/watch?v=h4BYqt_gMKM) e (www.youtube.com/watch?v =BKFPd2SaPk8&list=PLF0F69D3B329FAEA4&index=1&feature=plpp_video).

SANTIAGO, Valdomiro. (www.youtube.com/watch?v=Fu9Q6rXJrNY) e (http://www.youtube.com/ watch?v=O6aqnypNsVo).

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br